



Indústria



23/12/2015 - 05h00

Setor elétrico levará para o próximo ano muitos problemas vistos em 2015

Especialistas ouvidos pelo DCI dizem que dívidas com bancos, liminares que travam a venda de eletricidade e as dificuldades para atrair investimentos em transmissão serão os maiores desafios



Operários trabalham em manutenção de torre de transmissão. A área demanda novos investimentos
Foto: estúdio conteúdo

São Paulo - O setor de energia elétrica vai carregar para 2016 uma série de problemas que teve em 2015, com impacto direto na operação do sistema e no ambiente de negócios tanto no começo do ano como ao longo dos meses seguintes.

Especialistas consultados pelo DCI destacaram os débitos ainda devidos pelo setor a diversos bancos, a retirada das liminares que ainda travam a comercialização de eletricidade e as dificuldades para se atrair investimentos em transmissão como as grandes questões que devem demandar esforços ano que vem. O consenso aponta para um cenário preocupante: em 2016, vem mais do mesmo.

"O setor já está cansado de promessas sem contrapartida. Há anos estamos com um mercado desequilibrado, em que um segmento é usado para subsidiar o outro e vice-versa", critica o diretor executivo da consultoria Safira Energia, Mikio Kawai Junior. "Os investimentos parados em energia se devem principalmente a essas manobras e, para 2016, seguem em ritmo de espera."

O problema que mais concentrou as discussões do setor elétrico em 2015, referente aos prejuízos das hidrelétricas com a falta de água no País, promete ser resolvido ainda nas primeiras semanas de 2016. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) marcou para o dia 15 de janeiro a data final para adesão das usinas à proposta do órgão para dar fim à questão, permitindo aos empreendimentos que repassem parte do rombo com a escassez para os consumidores.

Como contrapartida, as geradoras terão que se desfazer de liminares que hoje as protegem contra as perdas, mas que vêm travando o sistema de comercialização de energia. Por isso, a resolução do imbróglio deve levar à solução de um segundo problema, o do atraso nas liquidações realizadas pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), que garantem o pagamento devido pela eletricidade vendida e comprada no País. Essa questão, porém, deve demorar mais alguns meses para ser completamente solucionada, diz Mikio, já que será necessário promover liquidações que estão atrasadas desde outubro.

O presidente do instituto de pesquisas Acende Brasil, Claudio Sales, destaca a dificuldade para se atrair investimentos para o segmento de transmissão de energia como outro dos grandes temas a serem debatidos no próximo ano. O retrato das empresas dessa área, aponta ele, ainda é de dificuldades em 2016, porque as receitas oferecidas pela operação das linhas mais antigas já não são suficientes para cobrir os gastos com os aprimoramentos necessários. Ele ressalta a necessidade de investimentos na estrutura de transmissão para fazer frente aos desafios impostos pelo sistema cada vez mais amplo, os volumes de geração cada vez maiores e a distância cada vez mais longas entre as usinas e os pontos de consumo.

A expansão das redes de distribuição da energia também apresenta um desafio, dado o fracasso dos leilões realizados em 2015 nesse segmento. Os relatos de atrasos nas obras de linhas por problemas no licenciamento ambiental e a falta de crédito vem sendo apontado pelos empresários como principais barreiras para o interesse nos ativos. Para Sales, o governo precisa melhorar a atratividade dos lotes oferecidos nos certames, de forma que o investidor tenha mais segurança e mais capacidade de financiamento. "Do ponto de vista de quem quer empreender, a transmissão está complicada. Do ponto de vista do consumidor, chega à beira do desastre", afirma ele.

Para Mikio, os problemas do setor só serão resolvidos quando houver um acordo generalizado entre os agentes que consiga endereçar todas as questões hoje debatidas. Segundo ele, isso inclui a necessidade de pagamento dos mais de R\$ 20 bilhões devidos pelos empréstimos tomados pelas distribuidoras para cobrir a compra de energia mais cara no mercado de curto prazo. Na conta, entram também cerca de R\$ 50 bilhões calculados para serem repassados pelos prejuízos com a seca. Quem deve pagar essa conta, avalia o especialista, é o consumidor.

As tarifas só não devem aumentar ainda mais em 2016 porque o ritmo de chuvas previsto para o próximo ano é melhor do que o de 2015. De acordo com Sales, a pressão sobre os reservatórios tende a diminuir, também porque a retração da economia do País, sobretudo da indústria, levou a uma queda do consumo de energia. Na avaliação visão dele mesmo o risco de que as distribuidoras fiquem com mais energia contratada do que de fato será demandado delas, causando um problema de caixa.

Como ponto positivo para o ano, o presidente do Instituto Acende destaca a privatização de subsidiárias da Eletrobras, que já anunciou que quer completar o processo de venda de seus ativos até o fim de 2016.

Thiago Moreno

São Paulo - O setor de energia elétrica vai carregar para 2016 uma série de problemas que teve em 2015, com impacto direto na operação do sistema e no ambiente de negócios tanto no começo do ano como ao longo dos meses seguintes.

Especialistas consultados pelo DCI destacaram os débitos ainda devidos pelo setor a diversos bancos, a retirada das liminares que ainda travam a comercialização de eletricidade e as dificuldades para se atrair investimentos em transmissão como as grandes questões que devem demandar esforços ano que vem. O consenso aponta para um cenário preocupante: em 2016, vem mais do mesmo.

"O setor já está cansado de promessas sem contrapartida. Há anos estamos com um mercado desequilibrado, em que um segmento é usado para subsidiar o outro e vice-versa", critica o diretor executivo da consultoria Safira Energia, Mikio Kawai Junior. "Os investimentos parados em energia se devem principalmente a essas manobras e, para 2016, seguem em ritmo de espera."

O problema que mais concentrou as discussões do setor elétrico em 2015, referente aos prejuízos das hidrelétricas com a falta de água no País, promete ser resolvido ainda nas primeiras semanas de 2016. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) marcou para o dia 15 de janeiro a data final para adesão das usinas à proposta do órgão para dar fim à questão, permitindo aos empreendimentos que repassem parte do rombo com a escassez para os consumidores.

Como contrapartida, as geradoras terão que se desfazer de liminares que hoje as protegem contra as perdas, mas que vêm travando o sistema de comercialização de energia. Por isso, a resolução do imbróglio deve levar à solução de um segundo problema, o do atraso nas liquidações realizadas pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), que garantem o pagamento devido pela eletricidade vendida e comprada no País. Essa questão, porém, deve demorar mais alguns meses para ser completamente solucionada, diz Mikio, já que será necessário promover liquidações que estão atrasadas desde outubro.

O presidente do instituto de pesquisas **Acende Brasil**, **Claudio Sales**, destaca a dificuldade para se atrair investimentos para o segmento de transmissão de energia como outro dos grandes temas a serem debatidos no próximo ano. O retrato das empresas dessa área, aponta ele, ainda é de dificuldades em 2016, porque as receitas oferecidas pela operação das linhas mais antigas já não são suficientes para cobrir os gastos com os aprimoramentos necessários. Ele ressalta a necessidade de investimentos na estrutura de transmissão para fazer frente aos desafios impostos pelo sistema cada vez mais amplo, os volumes de geração cada vez maiores e a distância cada vez mais longas entre as usinas e os pontos de consumo.

A expansão das redes de distribuição da energia também apresenta um desafio, dado o fracasso dos leilões realizados em 2015 nesse segmento. Os relatos de atrasos nas obras de linhas por problemas no licenciamento ambiental e a falta de crédito vem sendo apontado pelos empresários como principais barreiras para o interesse nos ativos. Para **Sales**, o governo precisa melhorar a atratividade dos lotes oferecidos nos certames, de forma que o investidor tenha mais segurança e mais capacidade de financiamento. "Do ponto de vista de quem quer empreender, a transmissão está complicada. Do ponto de vista do consumidor, chega à beira do desastre", afirma ele.

Para Mikio, os problemas do setor só serão resolvidos quando houver um acordo generalizado entre os agentes que consiga endereçar todas as questões hoje debatidas. Segundo ele, isso inclui a necessidade de pagamento dos mais de R\$ 20 bilhões devidos pelos empréstimos tomados pelas distribuidoras para cobrir a

compra de energia mais cara no mercado de curto prazo. Na conta, entram também cerca de R\$ 50 bilhões calculados para serem repassados pelos prejuízos com a seca. Quem deve pagar essa conta, avalia o especialista, é o consumidor.

As tarifas só não devem aumentar ainda mais em 2016 porque o ritmo de chuvas previsto para o próximo ano é melhor do que o de 2015. De acordo com Sales, a pressão sobre os reservatórios tende a diminuir, também porque a retração da economia do País, sobretudo da indústria, levou a uma queda do consumo de energia. Na avaliação visão dele mesmo o risco de que as distribuidoras fiquem com mais energia contratada do que de fato será demandado delas, causando um problema de caixa.

Como ponto positivo para o ano, o presidente do **Instituto Acende** destaca a privatização de subsidiárias da Eletrobras, que já anunciou que quer completar o processo de venda de seus ativos até o fim de 2016.